***Iniciação Cristã: tempo para o entendimento e conversão***

Pe. Luiz Antonio Belini

 Nas origens do cristianismo não encontramos uma *iniciação cristã* entendida como um processo único ou sistematizado. O Novo Testamento nem mesmo tem a preocupação de transmitir uma orientação explícita e formal a este respeito. Contudo, é possível identificar as etapas que compunham geralmente este processo. Ao *anúncio ou querigma* sucedia uma *adesão de fé e conversão*; um tempo de *aprofundamento* e *adequação de vida*; a recepção do *batismo na água e no Espírito Santo*; a participação na *fração do pão* e a *perseverança na oração* e na *vida de comunidade*. Entre os textos que nos permitem entender este processo está, de forma privilegiada, o segundo capítulo dos *Atos dos Apóstolos*. Após a narrativa de Pentecostes, Pedro toma a palavra e faz o anúncio de Jesus morto e ressuscitado, razão de nossa salvação. Os que ouviram e acolheram sua palavra com fé receberam o batismo.

 Quanto tempo demoraria o processo desde a aceitação do anúncio até a recepção do batismo? Difícil fazer uma previsão. Deveria também variar de caso a caso.

 ***É certo que*** ***a Igreja desde sua origem nunca conferiu o batismo rapidamente, sem antes preparar o batizando e ter alguma garantia de vida condizente com o Evangelho*.**

 No auge do catecumenato, nos séculos III e IV, este processo de iniciação poderia durar anos. Com o passar do tempo e vivendo em regime de *cristandade*, onde a Igreja se tornou a religião oficial e única, existindo em simbiose com o poder político e social, este período de catecumenato foi cada vez mais simplificado e encurtado. O imperador Carlos Magno (742-814), por exemplo, ordenava que se batizasse o mais rápido possível.

 Do ponto de vista teológico e mais próximo de nós no tempo, temos uma interpretação muitas vezes equivocada ou pelo menos redutiva do Concílio de Trento (1545-1563) em relação a esta questão. O Concílio, reagindo à reforma protestante, afirmou que a graça transmitida pelos sacramentos acontece por obra e poder de Deus ("*ex opere operato*" = "pela obra operada"; ou seja, "em virtude da ação sacramental devidamente realizada") e não depende da atividade, santidade ou mérito de quem o ministra e de quem o recebe. Embora não fosse exatamente a intenção do Concílio, com o tempo muitos interpretaram que os sacramentos realizariam "automaticamente" seu propósito, o que dispensaria uma preparação mais detalhada e disposição de vida para recebê-lo, sobretudo em relação ao batismo. Acrescente-se a isso a interpretação da afirmação de que "fora da Igreja não há salvação" e, portanto, do batismo sacramental. Batizar o mais rapidamente possível poderia significar ao menos a não condenação eterna pela falta do batismo. Frente a esta situação, não é estranho a pergunta:

 ***"Quantas vezes a leitura dos Atos dos Apóstolos não despertou, no ânimo dos pastores, uma certa dúvida sobre a necessidade das etapas catecumenais? Se os cristãos de Pentecostes e o eunuco da Etiópia foram batizados tão rapidamente, por que querer ser tão exigente hoje em dia?"*** (M. Dujarier; é uma provocação, não o entendimento deste autor)

 Esta dúvida ou objeção não é nova. A encontramos já nos primeiros séculos. E encontramos entre os Padres da Igreja a resposta. Estes dois textos citados por Dujarier, os cristãos de Pentecostes (At 2,14-47) e o eunuco da Etiópia (At 8,26-38), longe de apresentarem grandes dificuldades, revelam a presença dos elementos fundamentais que temos mencionado no processo de iniciação.

 Santo Agostinho (356-430) foi interrogado sobre isto. Alguns cristãos de seu tempo ensinavam que bastaria a fé para a salvação, não sendo necessárias as boas obras ou o modo de vida, embora fosse conveniente proceder bem. Por isso, afirmavam que se deveria batizar tão logo o ouvinte manifestasse disposição para aceitar Jesus, deixando todo o ensino doutrinal e exigência moral de vida para depois do batismo. Para justificar esta afirmação faziam uma interpretação tendenciosa de 1Cor 3,11-15 e dos dois textos anteriormente citados.

 Agostinho irá responder com um escrito no início do ano de 413, a *De Fide et Operibus* ("A Fé e as Obras"). Afirmará a necessidade das boas obras para a salvação, unidas à fé, o que ele chamará de *fé viva*. Por isso, nenhum sacramento deve ser ministrado sem a devida preparação e disposição de quem irá recebê-lo, tendo o tempo necessário para o entendimento e para provar com suas obras a fé. Nem mesmo o batismo. O próprio Agostinho fez esta preparação quando, convertido, pediu o batismo. Fez o *catecumentato*, a preparação remota, em Cassicíaco e a preparação imediata, durante a quaresma, chamada de *eleitos ou competentes*, em Milão (fato lembrado em sua obra *Confissões* 9,6,14).

 ***"Primeiro, dizem, batizemo-lo; depois seja ensinado o que concerne à boa vida e aos costumes. Assim se faça quando alguém está para morrer, pois bastam poucas palavras que contenham o essencial para que creia e receba o sacramento. Assim, caso deixe esta vida, deixe-a livre de todos os pecados passados. Se, ao invés, pede o sacramento alguém são e com tempo para o aprendizado, qual outro momento mais oportuno se poderia encontrar para que ouça como deve viver e como se tornar pessoa de fé que aquele em que o espírito está bem atento e ansioso pela fé na religião?"*** (*A Fé e as Obras* 9)

 Sobre os batizados em Pentecostes após o discurso de Pedro, Agostinho insistirá que se lido atentamente, já nos esclarece a necessidade de preparação e conversão existencial. Sobretudo At 2,40: "*com muitas outras palavras, Pedro lhes dava testemunho e exortava, dizendo: 'Salvem-se dessa gente corrompida*'". A necessidade de brevidade fez com que o relato omita as etapas. Por fim, na afirmação do versículo seguinte - "*E nesse dia uniram-se a eles cerca de três mil pessoas*" - "nesse dia" não deve ser entendido cronologicamente, mas escatologicamente. É como o uso em outras ocasiões de "o dia de Javé". Refere-se ao "dia" do batismo; dia em que Deus acrescenta a seu povo homens de todas as línguas e nações.

 Sobre o batismo do eunuco etíope por Filipe, também usado para argumentar contra uma preparação mais demorada, já havia escrito Tertuliano (160-220) em *De Baptismo* ("O Batismo" 18,2): "*Se Filipe batizou tão rapidamente ao eunuco, recordemos que o Senhor lhe havia testemunhado em seu favor de maneira manifesta e explícita: havia sido o Espírito o que havia dado a ordem a Filipe de tomar aquela rota. O eunuco, por sua parte, não se encontrava inativo: não foi um desejo repentino o que o impeliu a pedir o batismo, senão que tinha ido ao Templo para rezar e se aplicava lendo a Sagrada Escritura*".

 Os testemunhos de Tertuliano e Agostinho nos mostram que desde seus inícios houve embates na Igreja quanto ao processo de *iniciação cristã*. Havia quem defendesse um processo rápido e simplificado, ainda que superficial, mas que certamente ajudaria na evangelização do ponto de vista quantitativo; e quem desejava um processo mais aprofundado e com o devido tempo para a comprovação da disposição dos iniciados, privilegiando o aspecto qualitativo. Ao menos nos primeiros cinco séculos, foi esta segunda linha a que prevaleceu oficialmente na Igreja.